



VII Simpósio Nacional de História Cultural

**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**POR UMA ANTROPOLOGIA DO CIBERPAJÉ: MISTICISMO E
TRANSCENDÊNCIA TECNOLÓGICA NA OBRA FICCIONAL
TRANSMÍDIA DE EDGAR SILVEIRA FRANCO**

Edgar Indalecio Smaniotto*

A evolução biológica humana, diferentemente da evolução cultural, esteve sempre à mercê dos ditames da natureza, no máximo sendo objeto de cultivo, intervenções paliativas e correccionais: cirurgias, próteses, esteroides e outras drogas farmacêuticas. O avanço da ciência e da tecnologia, particularmente da genética e da robótica, coloca em discussão, pela primeira vez na história humana, a real possibilidade do ser humano projetar e modificar sua evolução biológica.

Essa possibilidade técnica, ainda que não consumada até o presente momento, já é objeto de discussão ético-filosófica e sociopolítica; não apenas no âmbito acadêmico, como também entre novos grupos sociais que se autodenominam pós-humanistas ou transumanistas, defensores da possibilidade do homem controlar sua própria evolução biológica. Em geral, esses grupos pretendem associar e acelerar todas as conquistas das ciências de ponta – criogenia, modificações genéticas, síntese do ser humano com o

* Licenciado em Filosofia, mestre e doutor em Ciências Sociais pela UNESP/Marília. Professor da Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista – FAIP, desenvolve pesquisas relacionadas à ficção científica, transhumanismo, ética e história social da ciência. Membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, da Associação Brasileira de Antropologia – ABA, da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial – ASPAS e do Centro de Educação Transdisciplinar – CETRANS.

computador, nanotecnologia, modificações corporais, informática, bioengenharia – para um projeto consciente de aceleração da evolução humana.

Para o pensador transumanista norte-americano Raymond Kurzweil (2006), o futuro do ser humano será marcado pela interação entre nosso corpo biológico e nanorobôs construídos por nós mesmo:

...teremos um poder muito grande: as habilidades da máquina, como velocidade e memória, combinadas com o reconhecimento de padrões da inteligência humana ... falo de nanobolts, robôs do tamanho das células do sangue. Já estão sendo testados com sucesso em animais e devem estar sofisticados em 2020. Os nanobolts chegarão ao cérebro pelas veias e poderão interagir com nossos neurônios biológicos, tornando-nos mais inteligentes, melhorando nosso bem estar físico e aumentando a longevidade (p. 14).

A longevidade é, sem dúvida, uma das maiores preocupações dos transumanistas, Kurzweil inclusive se diz em preparação para alcançar a imortalidade,

Estou me preparando para isso. No livro *A Medicina da Imortalidade*, que assino com Terry Grossman, falamos de três pontes que levarão à extensão da vida. A primeira é a que pessoas como eu já estão trilhando, fazendo uso do conhecimento existente para se manter em boa forma, envelhecendo o menos possível. Só assim poderemos cruzar a segunda ponte, que será a reprogramação da biologia, resultado da revolução da biotecnologia. Descobrimos recentemente que podemos ligar ou desligar genes, adicionar novos, ligar enzimas e reprogramar a biologia, de modo a evitar doenças e envelhecimento. Em dez ou quinze anos vamos ter as ferramentas para superar o processo de envelhecimento e de muitas doenças ... e até lá teremos ferramentas ainda mais poderosas ... os nanobolts, que serão colocados no corpo e nos manterão saudáveis de dentro para fora (2006, p. 14).

No geral, o que pretende os defensores do pós-humanismo, ou transumanismo, é a busca de uma continuação e aceleração da evolução da vida inteligente, para além da sua atual forma e limites humanos, por meio da ciência e da tecnologia. Esse novo mundo, de acordo com Ben Goertzel (2001), viria acompanhado de uma gama de princípios sociopolíticos, pois a maioria dos extropianos são libertários radicais, defendendo a total, ou quase total, eliminação do governo.

São algumas dessas ideias extropianas e a possível modificação de certa “natureza humana”, via biotecnologia, que fazem vários intelectuais compararem a filosofia pós-humana a uma nova eugenia, entre eles temos o filósofo alemão Jürgen Habermas (2004).

AURORA PÓS-HUMANA OU AURORA BIOCIBERTECNOLÓGICA: UMA VISÃO DO FUTURO HUMANO ATRAVÉS DA OBRA DE EDGAR FRANCO

Edgar Silveira Franco¹ é um pensador multimídia, que tem boa parte de sua obra dedicada a reflexões sobre pós-humanismo, biocibertecnologia e manipulação. Ele é um dos principais autores e criadores dos “*Quadrinhos Fantástico-Filosóficos*”, um gênero de HQs produzido por artistas brasileiros, que pretende discutir, através da arte, a complexidade da sociedade tecnológica moderna. O pesquisador Henrique Magalhães (2000, p. 18), de fato, afirma que:

O ponto comum desses autores é a produção de quadrinhos de caráter muito pessoal, que podemos considerar como sendo poéticos e filosóficos, pois aludem às questões mais interiorizadas de cada um. Outro elemento marcante é o rompimento com a formalidade dos quadrinhos comerciais, com a frequente eliminação do quadro como limite espacial e pelo fluxo atípico de narrativa... Certas vezes não vejo muita clareza nas idéias que publico, fixando-me mais no aspecto gráfico, cada vez mais sofisticado. Mas é necessário reconhecer o potencial desse universo tão etéreo, quanto místico. Como editor, procuro, no entanto, privilegiar as HQs que ajudem à reflexão, à busca do autoconhecimento, ao aprofundamento das questões ligadas aos conflitos do ser humano... o texto deve estar vinculado à imagem, complementando-a ou reforçando-a, sem descrevê-la literalmente... o autor trabalha sua subjetividade, aguçando a percepção do leitor e propondo novas formas de leitura. Uma leitura centrada na imagem que eventualmente é complementada pelo texto, que por sua vez apresenta-se repleto de subjetividade.

Edgar Silveira Franco, sendo um artista multimídia, faz uso, em suas diversas intervenções artístico-filosóficas, de histórias em quadrinhos com suporte de papel tradicional, HQtrônicas (suporte eletrônico), sendo um pioneiro dessa arte no Brasil, pois, em suas histórias, o meio eletrônico não é apenas suporte para elas, mas sim parte integrante delas, o que torna o recurso tecnológico interativo utilizado uma parte indispensável de cada história. Ele também recorre à música, performances, aforismos e textos diversos.

¹ Edgar Silveira Franco é formado em arquitetura, com mestrado em Multimeios (Unicamp), e doutorado em Artes (USP), sendo atualmente professor adjunto da FAV – Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal da Goiás. Além de trabalhos acadêmicos, Edgar Franco também é compositor e quadrinista, fazendo uso de recursos tecnológicos, tanto na produção musical, como na de histórias em quadrinhos.

Franco se dedica especialmente a pensar a condição humana frente ao desenvolvimento das novas tecnologias, que permitiram a manipulação biocibertecnológica do ser humano. Para tanto, desenvolve o universo ficcional *Aurora Biocibertecnológica ou Aurora Pós-humana* como forma artístico-filosófica para discutir o pós-humanismo, genética, biotecnologia, transumanismo e inteligência artificial. Para o autor, a ideia “*inicial foi imaginar um futuro, não muito distante, onde a maioria das proposições da ciência & tecnologia de ponta fossem uma realidade trivial, e a raça humana já tivesse passado por uma ruptura brusca de valores, de forma (física) e conteúdo (ideológico/religioso/social/cultural)*” (SANTOS e GUIMARÃES, 2008, [CP]).

Dessa forma, Edgar Silveira Franco se utiliza de um universo ficcional imagético para trabalhar suas propostas filosóficas, e não textos teóricos, como é corriqueiro no pensamento ocidental – o que em si já demarca a forma inovadora com que Edgar Franco pretende discutir os novos paradigmas filosóficos e tecnológicos que se apresentam no mundo contemporâneo: para um novo pensamento, novos suportes de discussão textuais e imagéticos. De acordo com Elydio dos Santos Neto (2008, p. 05),

Ficção e ficção científica, por não apresentarem frutos de pesquisa científica (embora muitas vezes estejam fortemente embasadas nas construções científicas), mas sim da especulação e da imaginação, têm sido sistematicamente desprezadas, sobretudo na perspectiva cartesiana. É possível, no entanto, pensar, por exemplo, que os ficcionistas colocam a imaginação a serviço da reflexão que toma como ponto de partida os problemas gerados pela ciência e pela tecnologia de nosso tempo. Edgar Franco criou um universo ficcional próprio para pensar a humanidade, a aurora pós-humana, e ao trazê-la projetada para o futuro, pelo poder criativo da imaginação, os problemas que estamos vivendo hoje. A intenção, assim compreendo, não é fugir dos problemas. Ao contrário. É uma opção de enfrentamento dos problemas considerando não apenas nossa razão, mas também nossa sensibilidade, nossa intuição, nossa capacidade de seres da narrativa e da criação que partem da experiência existencial.

Fazendo uso do discurso da ficção científica e de diferentes suportes imagéticos – quadrinhos, música, aforismos e performances –, Edgar Franco põe em debate questões filosóficas atuais ao criar um universo ficcional futurista no qual a tecnologia humana possibilitou avanços fantásticos no campo da genética, robótica, inteligência artificial e outras ciências correlatas. Nesse futuro hipertecnológico, já é possível a transferência da consciência humana para *chips* de computador, gerando os chamados *Extropianos*, ou a mescla entre elementos tecnológicos e biológicos (*Cyborgs*). A bioengenharia avançou

ao ponto de permitir a hibridização genética entre humanos, animais e vegetais, dando origem aos intitulados *Tecnogenéticos*, seres híbridos. *Extropianos* e *Tecnogenéticos* são os pós-humanos, que ainda convivem com uma pequena parcela da população humana normal, conhecida como os *Resistentes*.

Além dessas três categorias de “humanos”, o universo futurista criado por Edgar Franco é habitado por Inteligências Artificiais (androides e redes computacionais), os *Artlectos* (neologismo de artificial e intelecto).

O autor faz uso de referências intelectuais diversificadas para compor seu universo ficcional:

A base bibliográfica de meu universo ficcional envolve o estudo das obras e artigos de artistas como Stelarc, Roy Ascott, Natasha Vita-more, Eduardo Kac, Mark Pauline, Orlan, H.R.Giger, Diana Domingues, Suzete Venturelli, Gilberto Prado; de filósofos e pesquisadores da consciência como Max More, Ray Kurzweil, Laymert Garcia, Hans Moravec, Rupert Sheldrake, Vernon Vinge, Lovelock, Teilhard de Chardin, Maturana e Varella, Stanislav Grof, Robert Anton Wilson, Erik Davis, Austin Osman Spare, Terence MacKenna, John Lilly, Tim Leary, Ken Wilber, Lee M.Silver, Steven Johnson, Helena Blavastsky, Leonardo Boff, entre muitos outros (SANTOS e GUIMARÃES, Quem é esse Cara? Entrevista com Edgar Franco, 2008).

Franco faz referências e pesquisa a partir de uma gama enorme de autores não acadêmicos, sendo que muitos são pesquisadores independentes, ligados a grupos esotéricos ou empresas e instituições de pesquisa particulares – em um leque que vai da fundadora da Teosofia, Helena Blavastsky, ao contraculturalista Tim Leary, a cientistas independentes como Rupert Sheldrake (que defende a conexão entre todos os humanos via campos morfológicos) e a pós-humanistas como Stelarc e Ray Kurzweil.

Edgar Franco afirma que esses pensadores o ajudam a criar sua obra artística e entender o mundo atual:

Para falar das bases de meu trabalho atualmente e de todas as investigações teóricas que envolvem minhas criações é importante tratar da “Aurora Pós-humana”, um universo ficcional futurista criado por mim inspirado por artistas, cientistas e filósofos que refletem sobre o impacto das novas tecnologias: bioengenharia, nanotecnologia, robótica, telemática e realidade virtual sobre a espécie humana. Para sua criação também me inspirei no reflexo desses questionamentos na cultura pop, com o surgimento de filmes (eXistenZ, Matrix, 13º Andar, Gattaca) e de seitas como as dos Imortalistas, Prometeístas, Transtopianos e Raelianos. Esses últimos, por exemplo, crêem na clonagem como possibilidade de acesso à vida eterna, nos alimentos transgênicos como responsáveis futuros pelo fim da fome no planeta, e

na nanotecnologia e robótica como panacéia que eliminará o trabalho humano, liderados pelo pseudo-guru Raël, um hedonista que constrói todo seu discurso a partir das previsões mais otimistas da ciência, baseando seu pensamento em afirmações messiânicas controversas. (SANTOS e GUIMARÃES, Quem é esse Cara? Entrevista com Edgar Franco, 2008).

XAMANISMO E TECNOLOGIA: O CIBERPAJÉ

No processo de entendimento e criação filosófico artístico de sua obra, Edgar Franco, em 20 de setembro de 2011, declarou-se um ciberpajé. O conceito parte das possibilidades do resgate do pensamento mágico dos xamãs, incorporado às novas possibilidades tecnológicas contemporâneas. A aproximação entre magia e tecnologia não é nova na cultura ocidental, o termo tecnomag, por exemplo, é utilizado em séries norte-americanas como *Excalibur* (Galen, interpretado por Peter Woodward), em histórias em quadrinhos e nas obras de Robert Anton Wilson (2004).

Já há alguns anos, Edgar Silveira Franco vinha publicando, primeiramente pela SM Editora e, posteriormente, pela Editora Marca de Fantasia, a revista em quadrinhos anual *Artlectos e Pós-humanos*. O número seis dessa publicação foi dedicado há expor sua proposta como ciberpajé, apresentando os motivos de sua proposta místico-artística:

A figura do pajé é fascinante, ele tem a capacidade de conectar-se diretamente com a natureza para modificar-se a realidade. Ele mistura os mundos, o mundo de suas cosmogonias transcendentais ao mundo “real” e assim consegue reestruturar a realidade. Sou um ser que criou cosmogonias, mundos ficcionais e tenho utilizado gradativamente esses mundos para modificar a minha realidade. Através da mixagem de meus mundos com o pretense mundo real, eu reconstruo minha realidade buscando simplesmente ser eu mesmo! (FRANCO, 2012, p.03).

A proposta de Edgar Franco visa fazer uma ponte entre o artista criador ocidental – muitas vezes alienado até mesmo quanto a sua arte, que se realiza segundo os ditames da técnica e do modo capitalista de produção – com o mundo criador dos pajés brasileiros. Assim, o autor pretende trabalhar com possibilidades artísticas que vão além da reprodução técnica (para usarmos uma terminologia de Walter Benjamin), para talvez conseguir retomar uma arte criativa e criadora de mundos e novas realidades para além da mera produção mercantil capitalista. O pajé é a retomada do arquétipo do criador-artista primordial.

Orlando Villas Boas, em seu estudo *A Arte dos Pajés* (2000), derivado de sua longa vida entre os índios xinguanos, busca compreender o pajé e seu papel entre os indígenas. Para o autor, “o índio é mais um teósofo do que um teólogo. Isso porque sua concepção de divindade é fruto de uma introspecção em que a fé deve nascer da intuição e não da doutrinação de outrem” (2000, p. 26).

Sobre a relação entre o índio e a realidade, Boas (2000) compreende que para o indígena a realidade é mítica, “essa realidade representa sua convicção metafísica, que constitui a base da unidade tribal. É seu mundo ancestral, um universo paralelo em que seus heróis culturais – aqueles que os criaram – continuam existindo” (p. 39).

A distinção entre o real (como sinônimo de Verdadeiro), tão caro à concepção cientificista ocidental, não se faz presente na cultura indígena, a narrativa não é uma falsidade, uma cópia do real, como queria Aristóteles e toda uma tradição ocidental, o “mito é a síntese de um enredo fantástico que responde as indagações das origens dos seres reais e, sobretudo, dos valores, regras e conhecimentos elementares da criatura (BOAS, 2000, p. 39)”.

Já “o pajé constitui o elo entre o sobrenatural e a aldeia” (p. 40), nesse sentido é ele quem faz o elo entre o mundo da narrativa mítica e o cotidiano; é um teósofo, dando sentido e estabelecendo contato entre dois mundos, que, na realidade, é apenas um, separados mais pelas limitações culturais epistemológicas desenvolvidas pelo próprio homem do que por uma pretensa linha de realidade divisória.

Para Douglas Gillette (2000), o xamanismo é um “poderoso processo psicológico e espiritual para recriar o cosmo e transformar a morte em vida em todas as dimensões da realidade!”, ou uma “tecnologia da ressurreição”. Ao utilizar a palavra tecnologia, Gillette (2000) recoloca o xamanismo, ou pajelança, em novas dimensões, que não o da superstição ou mentira, mas no sentido de conhecimento, *episteme*.

Terence McKenna (1995), em sua definição de xamanismo, também recorre a uma semântica da técnica:

O xamanismo é o uso de técnicas arcaicas de êxtase que foram desenvolvidas independentemente de qualquer filosofia religiosa – técnicas empiricamente comprovadas e experimentalmente operacionais, que produzem o êxtase. O êxtase é a contemplação do Todo. Por isso quem experimenta o êxtase – quem contempla o Todo – volta refeito política e socialmente, porque teve uma visão mais ampla” (p. 31).

Essa reconstrução do eu é descrita por Edgar Franco através das 10 chaves da transmutação que marcaram sua transformação em um ciberpajé: o sereno, o momento, o equilibrado, o sincero, o delicado, o amoroso, o selvagem, o complementar, a renovação e o renascido (FRANCO, 2012).

Ao entendermos o xamanismo como tecnologia, podemos compreender melhor a proposta de Edgar Franco ao inserir o elemento ciber ao termo pajé: “o prefixo ciber, da cibernética, foi agregado ao termo pajé porque ele incorpora as novas possibilidades tecnológicas como um campo amplo para os exercícios mágicos de conexão entre mundos que o ciberpajé promove (2012, p. 03)”.

Se entendemos o xamanismo, ou pajelança, nos termos de Douglas Gillette (2001), Terence Mckenna (1995) e Orlando Villas Boas (2000), compreendemos que este não é uma religião, ou processos mágicos de culturas supersticiosas e atrasadas, mas uma tecnologia espiritual viva e possível de ser lida, relida e transformada por cada praticante, devido ao seu caráter não teológico e não dogmático. É nesse sentido que podemos compreender a ciberpajelança proposta por Edgar Silveira Franco.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, XAMANISMO E TRANSUMANISMO

Hightech é uma história em quadrinhos eletrônica que pode ser lida no CD-ROM interativo que acompanha o livro *HQtrônicas: do suporte de papel à rede Internet* (2004). Nessa história, os altamente avançados pós-humanos recorrem a um pajé para enfrentar uma crise em sua sociedade. Ao ser inquerido por um estudante por que, em momentos de crise, essa sociedade hipertecnológica recorre a um pajé, este responde ao estudante que isso ocorre porque o pajé domina “uma tecnologia superior a nossa”. Segundo Edgar Franco,

Nessa curta história uso como elemento chave um índio – mais especificamente um xamã –, o último existente no planeta, para refletir sobre questões como a destruição das culturas ditas inferiores e a perda de conhecimentos imensuráveis que advém dessa destruição (p. 20).

O autor salienta ainda o propósito de utilizar o termo *high-tech* não para a técnica dos pós-humanos, mas para aquela dos xamãs, da intuição. Nessa história, está marcada a posição que Franco desenvolveria mais tarde em sua própria vida como artista/ciberpajé,

uma visão do xamanismo como uma tecnologia da intuição, que não substitui, mas que incorpora novas tecnologias a sua proposta. Afinal, podemos chegar a uma definição do ciberxamanismo como um amálgama entre tecnologias antigas e novas, e não uma mistificação da técnica.

Já na revista *Artlectos e Pós-Humanos 03* (Editora Marca de Fantasia, 2009), Franco retoma o tema do xamanismo na história *Gênesis Revisto*, em que, inclusive, cita Terence Mackenna e propõe a reconexão do homem com o universo através da realidade vegetal. Em *Artlectos e Pós-Humanos 04* (Editora Marca de Fantasia, 2010), na história *Em Louvor aos Biociberxamãs*, Franco faz uma crítica aos limites da ciência cartesiana e propõe que, diante de seus limites, agora tem, na volta à transcendência e ao estudo de antigas tradições, como o xamanismo, uma possibilidade de ir muito além.

As reflexões postuladas por Edgar Franco em suas HQs podem nos levar ao desenvolvimento de uma nova filosofia cibernética, para além do extropianismo atual, um pós-humanismo que valorize muitas conquistas que nós, seres humanos, alcançamos durante nossa evolução. Pensamos no transumanismo não como uma total ruptura evolutiva, mas como uma continuação de nossa evolução natural.

Franco, em entrevistas, mas também em algumas histórias, como *Neomaso Prometeu*, é crítico quanto ao uso da tecnologia e da genética sem propósito, ou com propósitos destrutivos:

Vivemos em um mundo à beira do colapso total ou em vias de realizar o salto quântico que levará a humanidade a um novo patamar de consciência. Desde a Revolução Industrial, do advento da visão cartesiana-materialista da vida, a nossa espécie desconectou-se da totalidade, passamos a nos entender como partes desconectadas da natureza e desenvolvemos um sistema de vida completamente egoísta e egocêntrico. Toda a destruição do planeta parte do princípio de que somos criaturas independentes dele, esquecemos que, na verdade, somos todos partes de um grande sistema vivo chamado Gaia! O monetarismo desenvolveu também uma busca desastrosa pelo "ter", a felicidade passou a depender de objetos e esse sistema ensinou-nos não só a desprezar Gaia, mas desprezarmos e competirmos com nossa própria espécie. A publicidade é a "magia negra" do nosso tempo, pois ela mobiliza bilhões de seres humanos e trabalha em favor desse sistema egolucrativo, e a publicidade trabalha com imagens "belas". Veja só, alguns bancos lucram milhões e ajudam a explorar populações empobrecidas, mas fazem propagandas com famílias felizes em parques verdejantes! Montadoras de veículos (que estão pesteando o planeta com a praga egoísta dos fânicos carros) mostram jovens e belos casais dirigindo por ruas vazias e parques lindos (mentira deslavada!).

Publicidade bela e limpa também é utilizada por sistemas dogmáticos, sobretudo as religiões.²

Ainda que possamos encontrar, nas histórias em quadrinhos de Edgar Franco, críticas ao pós-humanismo, o autor não deixa de ser um defensor do pós-humanismo, como enfatiza:

os avanços tecnológicos produzirão uma nova consciência transcendente, levando a humanidade à uma reconexão absoluta com o cosmos - nesse momento seremos pós-humanos, ultrapassaremos tudo aquilo de podre que o egocentrismo e o esquecimento da visão sistêmica causaram a Gaia e a nós mesmos -, seremos uma nova pós-humanidade.³

Nesse caso, o pós-humanismo não é apenas uma filosofia materialista hedonista, uma retomada a um culto *Übermensch* de elitistas nietzcheanos do século XXI, como descreve Bem Goertzel (2001), mas uma possibilidade de transcendência técnico-mística.

Edgar Franco continua, afirmando a

possibilidade de alcançarmos um desejável novo patamar de consciência transcendente através de processos tecnológicos ligados a ancestrais processos de conexão com o universo. Acho que, lembrando o artista Roy Ascott e o etnobotânico Terence McKenna, devemos aliar as possibilidades de três realidades: a realidade validada (nossa vida material, baseada na percepção dos 5 sentidos), a realidade vegetal (baseada na ingestão de enteógenos - as drogas de poder que nos fazem vislumbrar nossa dimensão universal, visões de conexão que já existiam desde a ancestralidade e foram esquecidas e renegadas pelo cartesianismo-egoísta-monetarista) e finalmente as novas realidades virtuais (a possibilidade de criação de mundos simulados e a expansão da consciência in silício). Somar uma vivência contínua dessas 3 realidades à expressão artística pode levar-nos a um outro patamar como espécie⁴.

Nesse caso, a proposta de Edgar Franco, é também uma filosofia pós-humanista, de modificação, mas mais direcionada à modificação da consciência. Para tanto, o homem pode utilizar-se tanto de enteógenos (realidade vegetal) como de tecnologia, inclusive

² **Posthuman Tantra: Entrevista com Edgar Franco** ao site italiano Alone Music, em 21/06/2009. Versão em português disponível em: **O artista multimídia Edgar Franco é entrevistado em site italiano de música.** Trad. Edgar Silveira Franco. Disponível em: <http://infernoticias.blogspot.com/2009/06/o-artista-multimedia-edgar-franco-e.html>. Acesso em: 23/06/2009.

³ Ibid.

⁴ Ibid Idem.

com a expansão, ou fusão, da mente humana com silício. Essa filosofia pós-humana fica mais clara nas histórias em que Edgar Franco tem pretensões tecnognósticas, já comentadas neste texto.

A tecnognose ou tecnoxamanismo, é uma busca por fundir o científico com o espiritual em um mesmo cenário, como descrito nas histórias *HighTech* e *Em Louvor aos Biociberxamãs* de Edgar Franco. Na segunda história, fica patente que é através da junção entre essas duas formas de conhecimento, xamanismo e ciência, que o homem atingirá o verdadeiro conhecimento. Nesse cenário, Edgar Franco não está sozinho, pois diversas obras publicadas recentemente reafirmam uma nova postura intelectual tecnognóstica. Segundo Erick Felinto (2004),

Em obras que vão da crítica literária à física, passando pela filosofia e pela biologia, o imaginário mítico se exprime com um vigor inesperado. O que dizer, pois, de um livro como *The Physics of Immortality* (1995), do respeitado físico Frank J. Tipler, onde se propõe estabelecer profundas relações entre a cosmologia moderna e as tradicionais visões religiosas sobre a divindade e a ressurreição dos mortos? Ou do libelo do igualmente respeitado hebraísta Richard Eliott Friedman, *The Disappearance of God* (1995), no qual se sugere uma nova forma de religião universal, misto paradoxal de ciência, misticismo e nietzschianismo? A lista pode continuar, passando pelo espantoso panfleto de Harold Bloom, *Omens of Millennium* (1996), em que a experiência estética e a crítica literária se transformam no fundamento para a proposição de um *gnosticismo* renovado que, segundo Bloom, já estaria mesmo na base das grandes tradições religiosas norte-americanas; ou então o curioso *La Structure Absolue* (1965), do filósofo Raymond Abellio, ex-aluno dos célebres seminários de Alexandre Kojève, agora convertido em gnóstico proponente de uma filosofia onde a fenomenologia de Husserl se encontra com a mística judaica e com as tradições religiosas da Índia (p. 15-16).

É nesse cenário que Edgar Silveira Franco propõe um novo transumanismo, que valoriza tanto as conquistas tecnológicas do ocidente moderno quanto a tecnologia xamânica milenar. O cineasta, poeta, quadrinista e psicomago Alejandro Jodorowski, criador das séries em quadrinhos *Inca*, *Metabarões* e *Bórgia*, apresenta ideias similares a de Edgar Silveira Franco. Para Jodorowski, a “genética é sagrada” (2009, p. 225), “absolutamente imprescindível” ao possibilitar “uma nova humanidade superdotada e longeva: uma mutação da humanidade para algo infinitamente melhor do que somos agora” (2009, p. 226). Isso não significa cair nos erros da eugenia, que não era uma tentativa de busca por melhora na condição humana, mas o da segregação biológica com base no conceito de raça (SMANIOTTO, 2012).

A possibilidade de uma segregação biológica dos modificados com relação aos não modificados, discutido em filmes como *Gattaca*, de Andrew Niccol, pelo próprio Edgar Franco e outros autores de ficção científica, com o avanço da tecnologia genética, não é objeto deste texto. Mas, como salienta Jodorowski, não estamos falando “de uma raça superior”, mas de uma “humanidade superior”:

Como viveremos muito mais tempo, será um prazer quando tivermos três mil anos de vida, porque ficar velho é estar com o cosmos e com o universo. Nós vamos sentir o universo. A vida é um presente divino. Estar vivo é um presente inimaginável. Nós temos que trabalhar para melhorar esta maravilha (2009, p. 227).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Jodorowski, dá-se, também, o encontro entre técnica, magia e arte, assim como para Edgar Franco. É nessa confluência, a qual nós poderíamos acrescentar a filosofia, que podemos pensar em um transumanismo tecnognóstico que não deixe de pensar nos benefícios que a bioengenharia, telemática e outras tecnologias podem oferecer, tais como: prolongamento da vida saudável; aumento de elementos da cognição como a memória, concentração e energia mental; melhoramento do bem estar emocional; cura de doenças genéticas; etc. E, somado a estas conquistas da ciência: a tecnologia e a sabedoria xamânica e artística.

O transumano não é, então, um *ubermensch nitzchiano* elitista, a criar uma nova casta eugênica, mas sim um novo patamar possível na evolução humana em busca de uma compreensão maior de sua própria existência e de seu lugar no cosmo. É parte da busca, não o ponto de chegada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOÂS, Orlando Villas. **A arte dos pajés**: impressões sobre o universo espiritual do índio xinguano. São Paulo: Globo, 2000.

FELINTO, Erick. **A tecnoreligião e o sujeito pneumático no imaginário da cibercultura**. Logos: comunicação e universidade. Ano 11, n. 21, 2º semestre de 2004. Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social, p. 13- 31.

FRANCO, Edgar Silveira. **HQTRÔNICAS: do suporte de papel à rede Internet**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2004.

- _____. **BioCyberDrama Saga**. Goiânia: Editora UFG, 2013.
- _____. **Elegia**. João Pessoa, PB: Marca de Fantasia, 2005.
- _____. **Artlectos e Pós-Humanos 01**. Jaú, SP: Editora SM, 2006.
- _____. **Artlectos e Pós-Humanos 02**. Jaú, SP: Editora SM, 2007.
- _____. **Artlectos e Pós-Humanos 03**. João Pessoa, PB: Marca de Fantasia, 2009.
- _____. **Artlectos e Pós-Humanos 04**. João Pessoa, PB: Marca de Fantasia, 2010.
- _____. **Artlectos e Pós-Humanos 06**. João Pessoa, PB: Marca de Fantasia, 2012.
- GILLETTE, Douglas. **O segredo do Xamã: os ensinamentos perdidos dos antigos maias**. Trad. Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- GOERTZEL, Bem. **O Culto dos Übermensch: Extropianos, os Elitistas Nietzscheanos do século XXI**. Revista Impulso, PIRACICABA/SP, Vol. 12, nº 28 de 2001. Pp. 151-156.
- HABERMAS, Jürgen. **O Futuro da Natureza Humana: A caminho de uma eugenia liberal?**. Trad. Karina Jannini. Martins Fontes, 2004.
- JODOROWSKI, Alejandro. **Psicomagia**. Trad. Sueli Farah. São Paulo: Devir, 2009.
- KURZWEIL, Raymond (Entrevista). **Seremos Todos Cyborgs**. Revista Veja, em 15 de novembro de 2006, p. 11-15.
- MAGALHÃES, Henrique. **A Aurora pós-humana de Edgar Franco**. Revista TOP! TOP! Nº 25. João Pessoa, PB: Marca de Fantasia, 2009.
- _____. **Poesia e Quadrinhos**. Revista Mandala, nº 12, junho de 2000. João Pessoa, PB: Marca de Fantasia, p. 17-18.
- MCKENNA, Terence. **O retorno à cultura arcaica**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.
- SANTOS, Lúcia Pessotto dos; GUIMARÃES, Otávio. **Quem é esse Cara? Entrevista com Edgar Franco**. Revista Mafú 09, Abril de 2008. Acesso em: . Disponível em: <http://www.mafua.ufsc.br/numero09/mafua09.html#entrevista>.
- SANTOS NETO, Elydio dos. **Transgressão, transcendência e esperança: Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco**. Trabalho apresentado no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação / Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Natal, RN - 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0785-1.pdf>.

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. **EUGENIA E LITERATURA NO BRASIL:** apropriação da ciência e do pensamento social dos eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica (1922 a 1949). Marília, SP: UNESP / FFC, 2012. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais).

WILSON, Robert Anton. **O Gatilho Cósmico:** o derradeiro segredo dos Illuminati. Trad. Fulvio Lubisco. São Paulo: Madras, 2004.

